

FAO

The background of the cover is a painting. The upper portion shows a person's torso in a light, textured, earthy tone, set against a solid red background. The lower portion features a still life with a plate of food, possibly dumplings or small pastries, rendered in soft, painterly strokes. The overall style is contemporary and artistic.

ano IX . # 43

GUANGYE

NIKI NISHI

GO MISHIMA

XLYPH BARA

SHUNGA

FALO® é uma publicação bimestral.
julho 2026.
ISSN 2675-018X
versão 20.07.26

edição, redação e design: *Filipe Chagas*.
corpo editorial: *Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton*.
site: *Pedro Muraki*.

capa: *Sem título*, óleo sobre tela de Guang Ye, 2022.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (faionart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail faionart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail faionart@gmail.com.



COMPRE PRODUTOS FALO

COLAB55

Sumário

GUANG YE

6

NIKI NISHI

24

FALO DE HISTÓRIA
Go Mishima

36

FALO em FOCO
Xlyph Bara

52

FALÓFORO

60

FALORRAGIA
Shunga: a arte erótica japonesa

64

FLACCID ZINE
Positividade do pênis: Por quê?

76

CONTOS DO FALO
Vamos trocar de corpo um dia?

78

CRÔNICA FÁLICA
Sovaco

80

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

82

FALO com VOCÊ

84

moNUmento

87



Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Estudar, aprender, conhecer... Eu não sei vocês, mas esses três verbos são tão potentes para mim que se tornaram motores de existência.

Há tempos eu questiono a História da Arte que é ensinada (e que eu mesmo ensino). Para além do reducionismo dos povos africanos, o viés ocidental começou a parecer incompleto quando países dito orientais já produziam arte e ciência bem antes. E eu escrevi “dito orientais” segundo a escritora egípcia Nawal El Saadawi (1931-2021) que, em uma entrevista, questionou o termo “Oriente Médio” perguntando “oriente para quem? A partir de onde?”

Nessa linha, decidi buscar arte e artistas “de lá” com o objetivo de ampliar o escopo da revista. No entanto, descobri que Sócrates tinha razão: “Só sei que nada sei”. É como se eu nunca tivesse estudado, nunca tivesse ouvido falar de arte... A cada texto que eu lia, vinha na minha cabeça “isso estava acontecendo ao mesmo tempo e ninguém falava nada?”. Eu até já conhecia os *shungas* – a arte erótica japonesa –, mas nunca havia me debruçado sobre o assunto. Entender a cultura e a cronologia que levaram à produção desse material foi um enorme desafio. Constatar que meu pensamento crítico foi construído de forma colonial e ocidental teve um grande peso. Mas saber que essa revista pode representar um começo é revigorante.

Espero que você sinta essa energia ao longo das próximas páginas.

Filipe Chagas
criador e editor

GLOSSÁRIO

Anime: animação em estilo japonês.

Bara: “rosa”, é um subgênero dos *geikomis* com foco em especificidades corporais, como músculos, gordura corporal e pêlos (*gatchiri*, “musculoso”; *gachimuchi*, “musculoso-gordinho”; *gachidebu*, “gordo-musculoso”; *debu*, “gordinho”).

Bishōnen: “menino bonito”, utilizado para garotos andrógenos assexuais e/ou afeminados, o termo define uma beleza que transcende os padrões de gênero e orientação sexual.

Chūsei: “gênero neutro”.

Dōseiaisha: “pessoa amante do mesmo sexo”.

Ecchi: “obsceno” e a fonética da letra H, sendo usado para se referir obras *hentai* mas leves.

Eroge: “erotic game”, videogames com conteúdo erótico em estética mangá/anime.

Futanari: “forma dupla”, personagem intersexo com características femininas.

Gei, homo ou **homosekusharu:** anglicismos para “gay” e “homossexual”.

Geikomi: mangás de temática homossexual, escrito por homens para um público masculino.

Hentai: abreviação de *hentai seiyoku*, “perversão sexual” (“*hen*”, estranho, e “*tai*”, condição), termo usado para se referir a mangás e animes com sexo explícito e fetiches.

Kemono: “homem-fera”, termo usado para se referir à comunidade *furry* e a personagens que são animais antropomorfizados.

Kuma-kei: “tipo urso”, termo usado para se referir a hipermasculinidade com músculos e pelos.

Mangá: romance gráfico ou história em quadrinhos.

Okama: “pote”, “caldeirão”, “chaleira”, gíria utilizada para homens gays, drag queens e pessoas trans.

Onabe: “panela”, gíria para mulheres lésbicas.

Onnagata: “papel de mulher”, termo usado por atores que interpretavam papéis femininos no teatro kabuki, que se tornou gíria para travesti.

Otoko-e: “imagens de homem”.

Otoko-onna: “masculino-feminino”, andrógeno ou intersexo.

Riba: “reversível”, parceiros versáteis no sexo.

Ryōsei: “de ambos os sexos”, intersexo.

Seinen: mangás destinados a jovens adultos.

Seme: o parceiro “dominante” (“ativo”).

Shōnen: mangás destinados a garotos adolescentes, sendo *shōnen-ai*, os mangás de “boys love”, ou seja, mais romântico do que sexual.

Tanbi: ficção literária erótica e intelectual.

Uke: o parceiro “submisso” (“passivo”).

Yaoi: mangás sobre amor (sexual) entre homens, escrito por mulheres para um público feminino (*sōsaku june* são zines independentes). O termo é um acrônimo *yama nashi*, *Ochi nashi*, *imi Nashi*, “sem clímax, nenhum ponto, nenhum significado”.

Yōni: “bissexual”.

Guang Ye

por Filipe Chagas

Nascido em 1985 em uma área rural remota da província de Anhui, na China, **Guang Ye** construiu uma trajetória artística marcada pela independência e pela busca constante por autenticidade. Hoje vivendo em Pequim, o pintor transformou uma paixão cultivada desde a infância em profissão, tornando-se conhecido por suas representações do corpo masculino e por uma produção que explora temas como desejo, sexualidade, vida e identidade.

Sem título, óleo sobre tela, 2022.

O caminho até a arte profissional, no entanto, não foi direto. Em 2008, Guang Ye concluiu sua graduação em Design de Interiores pela Universidade de Finanças e Economia de Jiangxi, uma vez que suas notas em inglês não permitiram o ingresso em uma escola de arte profissional. Ainda assim, a pintura nunca deixou de ocupar um lugar central em sua vida. Em 2013, decidiu abandonar o emprego formal e abrir seu próprio estúdio. Desde então, dedica-se integralmente à produção artística.

Seu contato com a arte começou cedo. Durante a infância, foi apresentado à tradição da pintura chinesa e passou a aprender, de forma autodidata. Ao longo dos anos, experimentou uma ampla variedade de técnicas, incluindo marcadores, acrílica, nanquim, aquarela, pastel e até ferramentas digitais. Entre todas elas, encontrou na pintura a óleo o meio ideal para desenvolver sua linguagem visual. Quando questionado sobre o momento em que passou a se reconhecer como artista, responde que raramente pensa no assunto. Em vez disso, prefere confiar na convicção e no entusiasmo que sente diante da criação.

Seu processo criativo costuma começar a partir de referências visuais que são posteriormente desconstruídas e reinterpretadas. A partir de experiências pessoais e reflexões sobre a sociedade, o artista reorganiza essas imagens em composições que buscam transmitir uma sensação de presença humana intensa e vibrante. Para ele, a pintura não é apenas representação, mas também uma forma de registrar aquilo que considera mais vivo e comovente na experiência humana.



Antique (acima) e *A máscara* (abaixo), aquarelas, 2017.



Ebb01 (acima, 2017) e *Ex-namorados inesquecíveis 03 e 04* (abaixo, 2018), aquarelas.

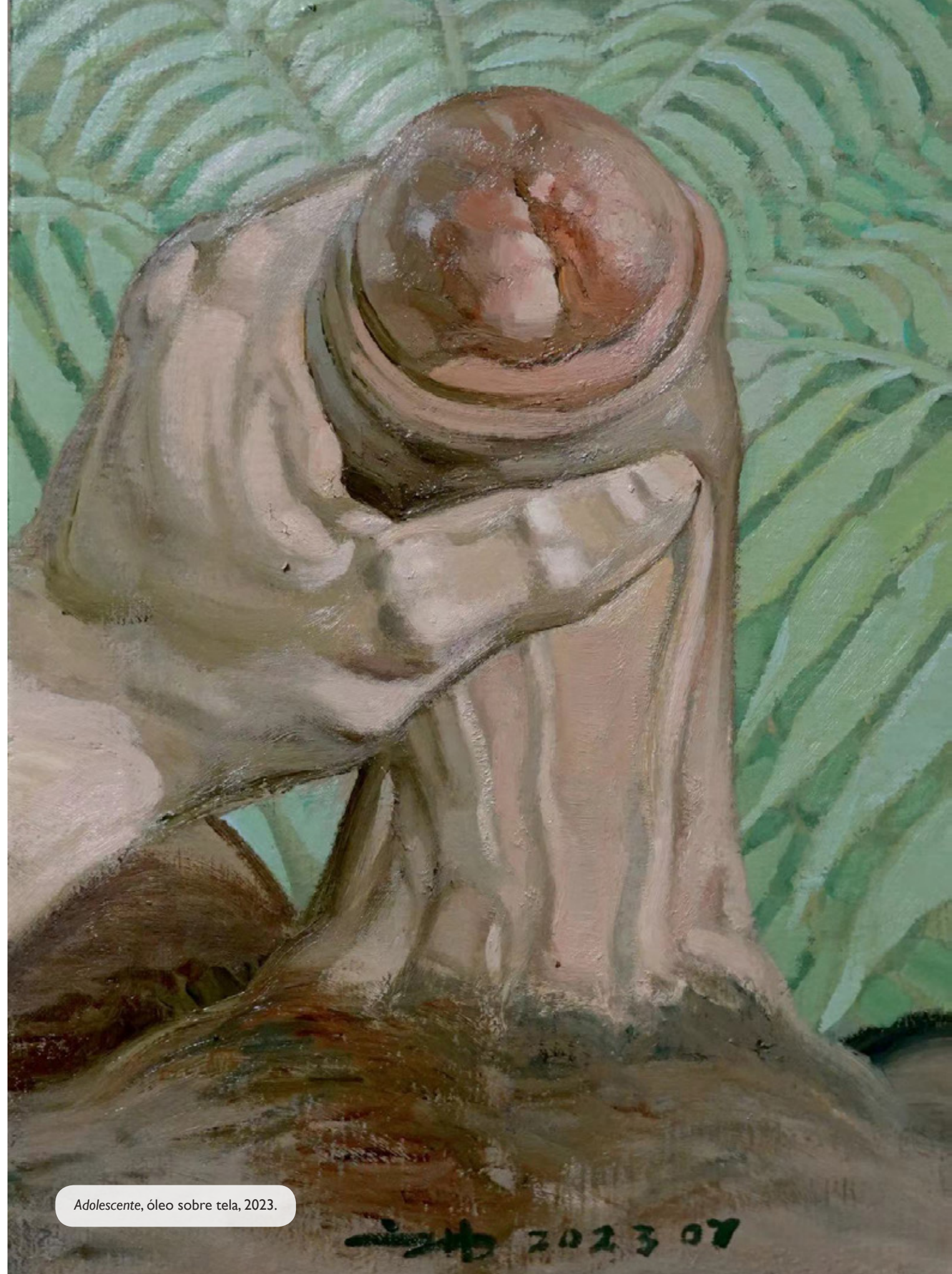




Oolong (acima) e Lápis lazuli, ambos em óleo sobre madeira, 2022.



Adolescente, óleo sobre tela, 2023.



Guang Ye evita enquadrar sua produção em fórmulas rígidas. Ele recorda que, no início da carreira, ouviu conselhos frequentes sobre a necessidade de criar um estilo facilmente reconhecível ou de moderar o teor explícito de suas imagens para alcançar maior aceitação comercial. Com o passar do tempo, porém, concluiu que essas preocupações estavam distantes daquilo que realmente o movia:

Eu só quero pintar.

Entre suas principais influências estão mestres da pintura chinesa, como Ni Zan (Dinastia Yuan) e Chen Hongshou (Dinastia Ming), além de nomes fundamentais da arte ocidental, como Lucian Freud, Francis Bacon e os mestres pós-impressionistas. Embora sua obra dialogue com referências de diferentes épocas e culturas, acredita que sua singularidade está na combinação entre a observação atenta de temas ligados ao sexo, ao desejo e ao corpo masculino e o rigor técnico empregado na construção das imagens.



Pássaro preto (acima, óleo sobre tela) e *Sonho azul* (abaixo, óleo sobre madeira), ambos de 2021.



Sofá, óleo sobre tela, 2021.





14

Acima, *Galo preto* (óleo sobre tela, 2022) e, abaixo, *Dança solo* e *Bastidores* (ambos em óleo sobre madeira, 2021).



Oferta, óleo sobre madeira, 2021.

15



Sem título, óleo sobre tela, 2022.



Sem título, óleo sobre tela, 2022.



O mensageiro inquieto,
óleo sobre tela, 2023.

A figura masculina ocupa um lugar central em sua produção: sendo um homem gay, os homens são sua principal fonte de atração e interesse visual. Essa dimensão pessoal atravessa grande parte de seu trabalho, transformando o corpo masculino em objeto de observação estética, reflexão emocional e investigação artística. Ao falar sobre os desafios enfrentados ao trabalhar com esse tema, Guang Ye destaca que a criação artística é, antes de tudo, um ato profundamente individual, um compromisso fundamental do artista consigo mesmo. As reações do público, por outro lado, pertencem a um campo que escapa ao seu controle e o que o incomoda são os julgamentos morais e os rótulos frequentemente impostos por visões preconcebidas.

Mesmo trabalhando intensamente com a figura masculina, ele afirma não utilizar modelos. Em vez de concentrar seu interesse em uma região específica da anatomia, prefere identificar aquilo que considera belo em cada corpo (“sou muito bom em identificar todos os cantos que realçam a beleza dos homens”).

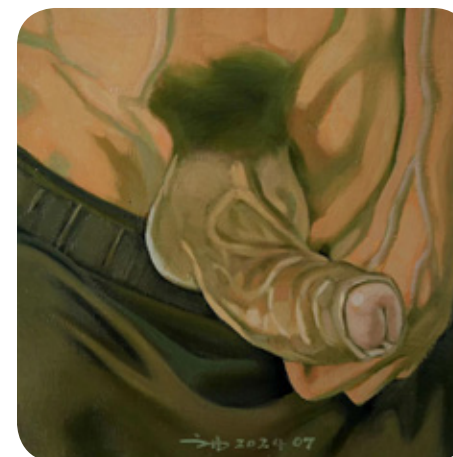
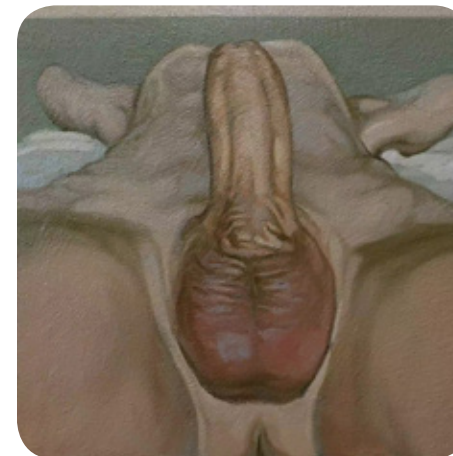
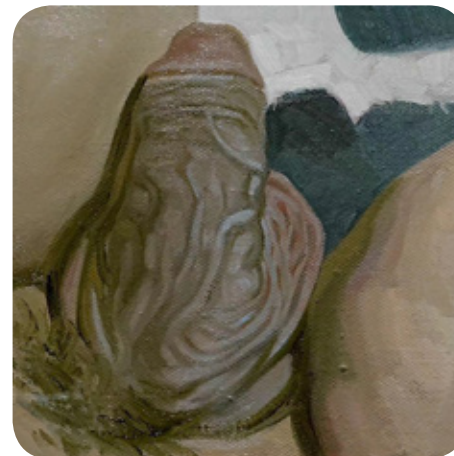
Essa percepção também orienta sua abordagem do nu frontal. Para Guang Ye, os genitais não são detalhes periféricos, mas componentes essenciais da identidade corporal masculina. Questionado sobre a diferença entre retratar o falo em estado ereto ou relaxado, argumenta que ambas as imagens são expressões legítimas da vitalidade humana e que a verdadeira criação artística vai além dessa distinção.



Xuanlong (Dragão preto), óleo sobre madeira, 2021.



*Chu pei (enfeite de jade),
óleo sobre tela, 2022.*



*O ganso voador (óleo sobre tela, 2025)
Sem título (óleo sobre tela, 2024)
Homem preguiçoso (óleo sobre
madeira, 2023)
Sem título (óleo sobre madeira, 2022)*



*Acima e abaixo, obras Sem título,
ambas óleo sobre tela, 2022.*



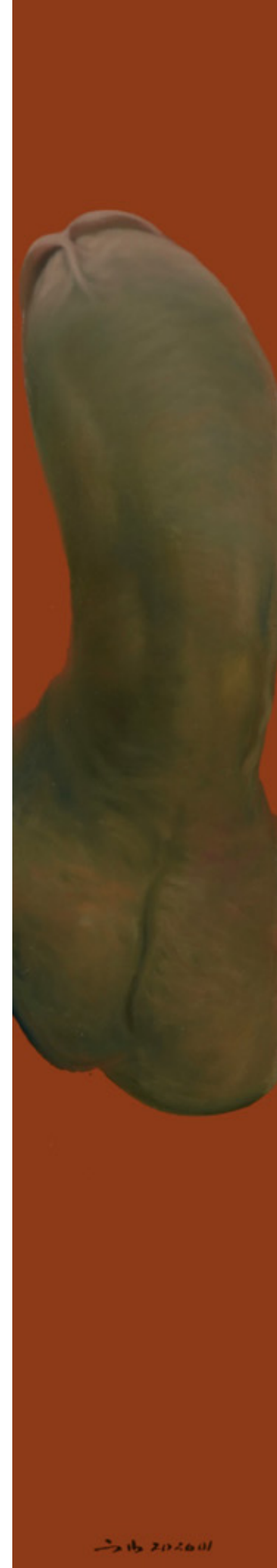
*Sem título (óleo sobre tela, 2022)
Fingido que está dormindo (óleo sobre
madeira, 2023)
Acordar dos insetos 8 (óleo sobre
madeira, 2025)
Sem título (óleo sobre tela, 2024)*



Sua visão sobre a recepção contemporânea da figura masculina na arte é menos otimista. Embora reconheça momentos recentes de maior abertura cultural, acredita que as mudanças sociais relacionadas à sexualidade, ao corpo e à representação artística continuam sendo complexas e contraditórias. Para ele, a evolução da consciência coletiva raramente acontece de forma linear. Talvez por isso, prefira não fazer grandes planos para o futuro. Em vez de metas rígidas, parece confiar no próprio processo criativo e na liberdade que sempre orientou sua trajetória. **8=D**



Acima, *Sem título*, óleo sobre tela, 2021.
Nas laterais, *Imagens do Cavalo-Dragão*,
óleo sobre tela, 2025.
Abaixo, o artista em seu estúdio.



Niki Nishi

por Filipe Chagas

Em uma época em que as imagens circulam em velocidade vertiginosa e os corpos parecem existir sobretudo para o consumo instantâneo das redes sociais, o trabalho de **Niki Nishi** opera em outra direção. Sua produção transita entre diferentes linguagens para investigar como o desejo é construído e atravessado por questões de identidade, ancestralidade e pertencimento. Formado em Artes e atualmente cursando uma pós-graduação em Curadoria, Museologia e Gestão de Exposições, o artista paulistano desenvolve uma pesquisa que transforma o corpo masculino em território de memória, política e imaginação.

Modelo: Samurai.

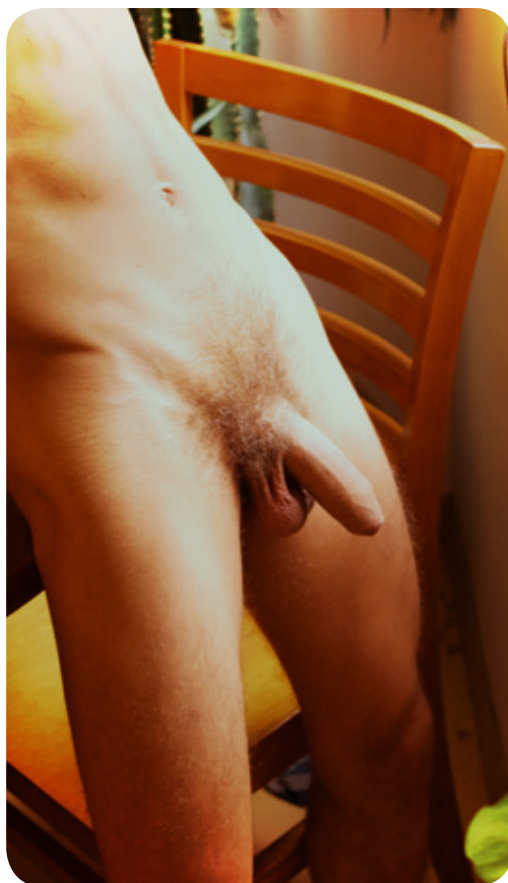
Descendente de japoneses por parte de pai e de maranhenses por parte de mãe, Niki ocupa uma posição singular dentro da produção artística contemporânea brasileira. Sua obra emerge do encontro entre diferentes matrizes culturais e da experiência de viver como homem gay em uma família sem vínculos artísticos e em um país cuja relação com a sexualidade permanece marcada por tensões, contradições e moralismos persistentes.

Eu não queria viver a vida que estava moldada para mim. Acho que me entendi como artista quando percebi que minha performatividade perante a vida foi minha grande criação.

A fotografia tornou-se uma ferramenta privilegiada para explorar essas questões. Influenciado por artistas como Robert Mapplethorpe, Florian Hetz, James Bidgood, Nobuyoshi Araki, Ren Hang e Alair Gomes, passou a criar imagens que recusam a pretensão documental frequentemente associada ao meio fotográfico: em vez de registrar a realidade, suas fotografias assumem explicitamente sua condição de artifício. Corpos, objetos, cenários e iluminação são organizados como elementos de uma composição pictórica que não pretendem capturar um instante espontâneo, mas fabricar uma atmosfera, um estado de desejo.

Desenvolvi o interesse pela fotografia como uma pintura, um quadro, uma composição que não busca o realismo ou o naturalismo; pelo contrário, é claramente moldada.

26



Modelo: Fabrício Neri.



O corpo masculino ocupa posição central em sua produção porque está diretamente relacionado à tentativa de preservar aquilo que desperta fascínio e interesse. Quando trabalha com modelos, Niki descreve o ensaio fotográfico como uma espécie de dança entre fotógrafo e retratado. O processo envolve negociações constantes entre o olhar do artista e os limites, desejos e preferências de quem está diante da câmera.

Sua construção visual dialoga diretamente com outra de suas principais referências: a tradição do shunga, a arte erótica japonesa, que, ao invés de separar o erotismo da vida cotidiana ou rotulá-lo como pornografia, insere a sexualidade dentro da experiência comum, misturando cenas íntimas e elementos da cultura material. É justamente nesse ponto que a pesquisa de Nishi ganha uma dimensão política. Ao observar a escassa presença de homens asiáticos na fotografia erótica masculina produzida no Ocidente, o artista identifica um vazio de representação que não é apenas estético, mas também simbólico. A ausência desses corpos nas imagens de desejo revela mecanismos mais amplos de exclusão e hierarquização racial.

Em resposta, materializa imagens que colocam corpos asiáticos no centro da narrativa visual. Seu projeto “Nanshoku Tropical” pretende construir um repertório imagético capaz de inscrever o homem asiático brasileiro dentro dos territórios do erotismo, da sensualidade e da beleza, e, assim, questiona quem tem o direito de ser desejado e quais corpos são autorizados a ocupar o espaço da fantasia.

Modelo: Fabrício Neri.



27



Quando o próprio artista se transformou em objeto de observação, o projeto ganhou contornos ainda mais complexos. Durante a pandemia, impossibilitado de trabalhar com outros modelos, Nishi voltou a câmera para si mesmo. Os autorretratos produzidos nesse período funcionam simultaneamente como investigação da estética hegemônica e exercício de autoaceitação:

A falta de representatividade também afetava minha autoestima. Fotografar meu próprio corpo foi uma forma de compreender o que existe de belo e erótico em um corpo amarelo e nordestino. A maior dificuldade era manter viva a pulsão do desejo quando tudo parecia desmoronar. Criar arte foi uma forma de gerar vida.



Castidade (autorretrato, 2026).



Nesse contexto, o falo ocupa um lugar particularmente relevante e recorrente. Ao contrário da tradição ocidental que frequentemente oscila entre a glorificação e a censura da genitália masculina, Nishi se interessa menos pelo símbolo universal e mais pela singularidade de cada corpo. Em sua visão, a nudez frontal masculina não se reduz a um gesto provocativo: ela constitui uma forma de acesso à intimidade, um marcador de individualidade. Cicatrizes, pelos e adornos corporais transformam-se em elementos narrativos que revelam aspectos da subjetividade de cada indivíduo retratado.

Ver o pau – e eu prefiro esse termo, “pau” – de um homem é acessar uma parte muito íntima dele. Existe algo de único ali, não apenas na forma, mas também na relação que cada pessoa estabelece com o próprio corpo. É ver uma parte mais honesta e sincera de quem aquela pessoa é.

Essa abordagem desafia a tradicional associação do corpo masculino à ação violenta e o corpo feminino à contemplação passiva. Ao colocar homens em posição de objeto de desejo, suas fotografias deslocam convenções profundamente arraigadas na história da arte ocidental. Para ele, a ideia de que existe um excesso de representações do corpo masculino nu é uma falsa percepção, frequentemente sustentada por discursos moralistas.





Prego (autorretrato).

As paredes azuis delicadas e amáveis que remetiam ao céu,
que remetiam ao puro, que remetiam ao imaculado, ao inocente,
As paredes azuis eram como o rosto ingênuo, indefeso.

Aquelas paredes, que não foram escolhidas por ele,
já estavam lá antes mesmo dele chegar,
aqueles valores impostos, aquela moral, aquela santidade,
aquilo tudo já estava ali, há muito tempo, há muitos anos, há muitos séculos.

Mas as paredes azuis imaculadas não podiam conter o prego, os pregos,
aos pregos, vários pregos.
Não era possível conter aquilo que as perfurava, que as penetrava.
O prazer do rompimento, o prazer da força, do desejo.

E era o desejo que, assim como aqueles pregos,
rompia o imaculado das paredes, rompia o imaculado nele.
O desejo era mais forte do que qualquer moralidade.

As paredes azuis em silêncio observavam aquela blasfêmia,
em silêncio elas tentavam conter o seu corpo que se despia,
a sua mão que descia, ao suor e a secreção transparente que escorria.

Em silêncio escutavam a sua respiração ofegante e os barulhos de sua garganta.
Em silêncio observavam seu corpo contorcendo, como um exorcismo,
E sentiam o calor que emanava e embaçava as janelas.
Ao prego que o penetrava, ao ato de sacrilégio.

O desejo rompia o imaculado, manchava as paredes daquele santuário,
perfurava qualquer santidade.
O desejo que estava ali, há muito tempo, há muitos anos,
antes mesmo dele chegar.

A escrita ocupa um lugar igualmente importante em sua prática. Influenciado pela obra de Caio Fernando Abreu, especialmente pela famosa carta em que o escritor aconselha um amigo a escrever como quem “vomita” tudo o que carrega dentro de si, Niki compreende a criação como um gesto de exteriorização radical dos afetos.

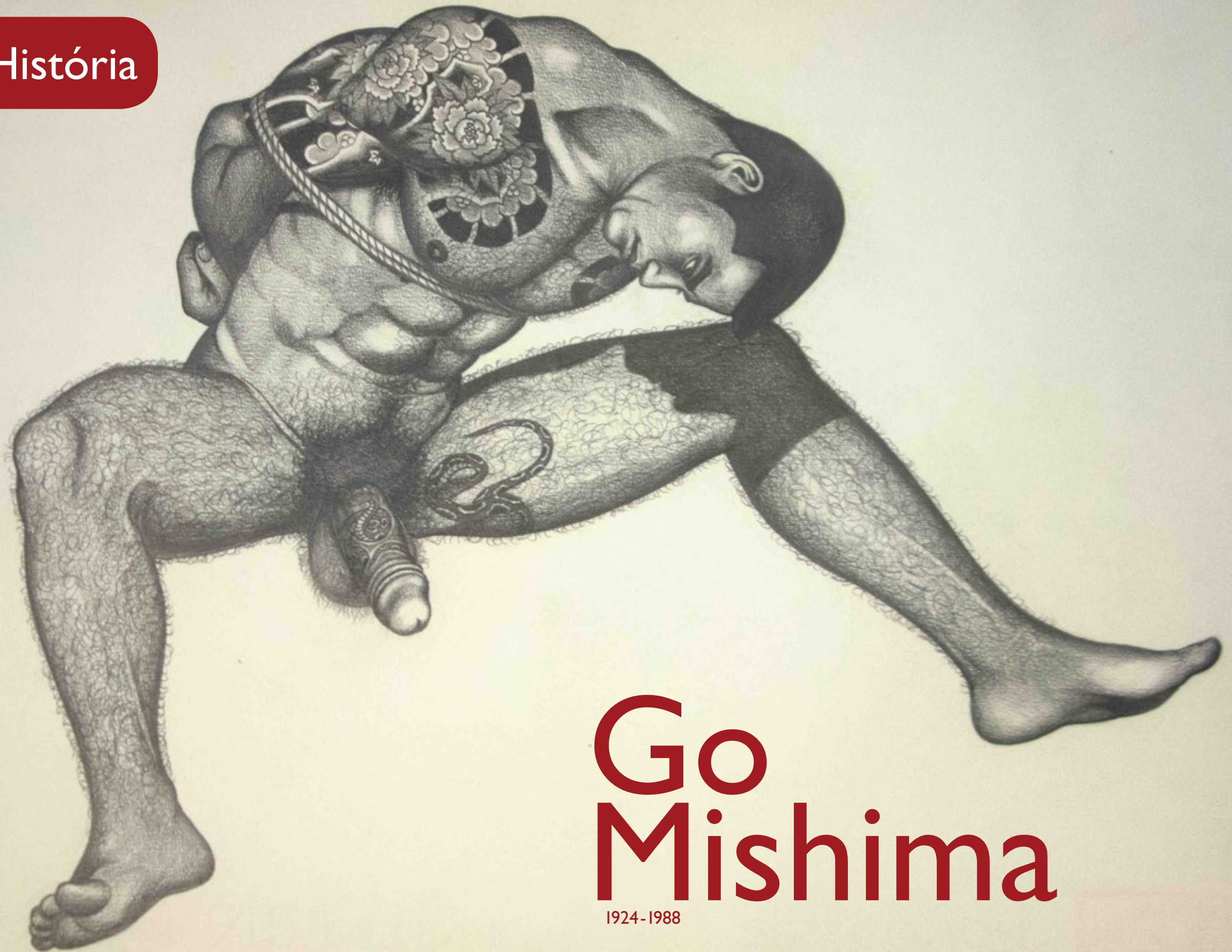
Em meio ao crescimento de discursos conservadores e às disputas em torno da representação dos corpos e da sexualidade no espaço público, sua obra reivindica a legitimidade do desejo como tema artístico. A partir da invisibilidade de determinadas experiências, seu trabalho opera como um gesto de ampliar os limites da representação e de construir novas possibilidades para o olhar contemporâneo. Ao final, o que está em jogo não é apenas a nudez masculina, mas a própria capacidade da arte de criar espaços para corpos, histórias e desejos que durante muito tempo permaneceram à margem. **8=D**

*A nudez masculina
nunca será demasiada.
Cada corpo é único,
cada arte é única.*



Falo de História

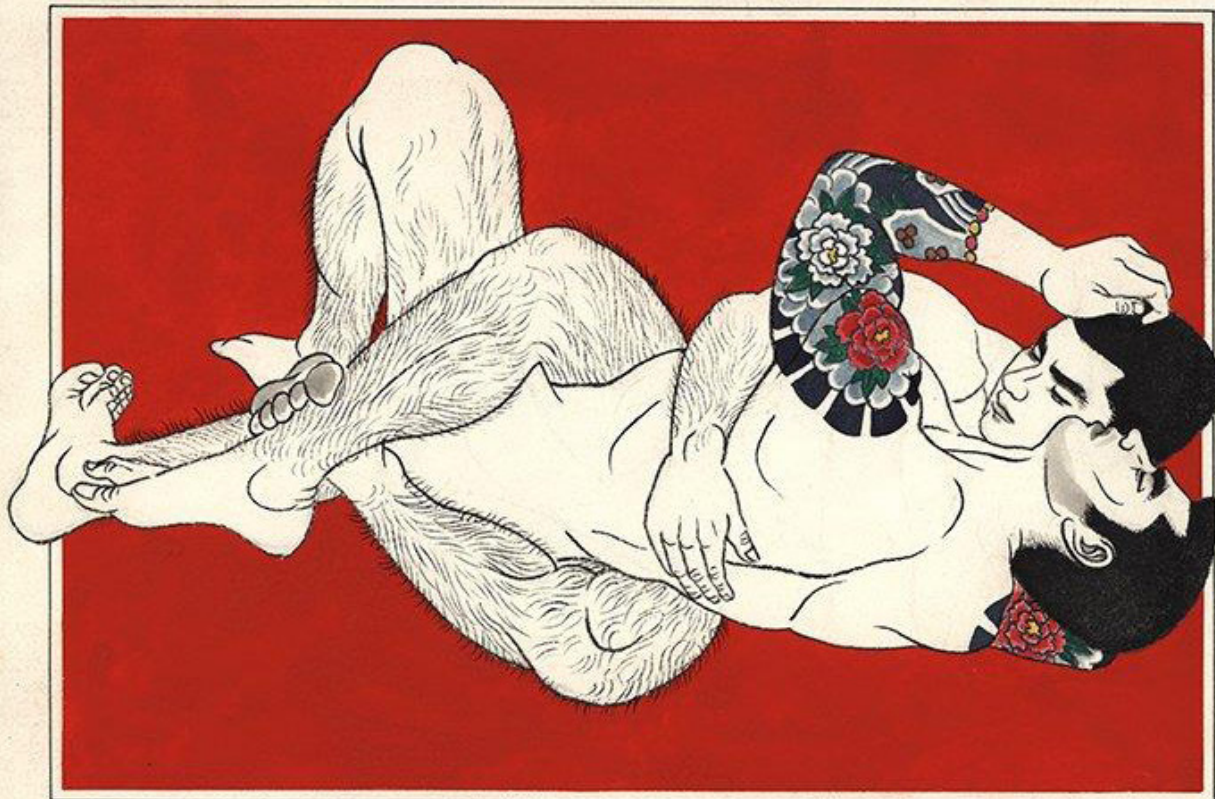
por Filipe Chagas



Go Mishima

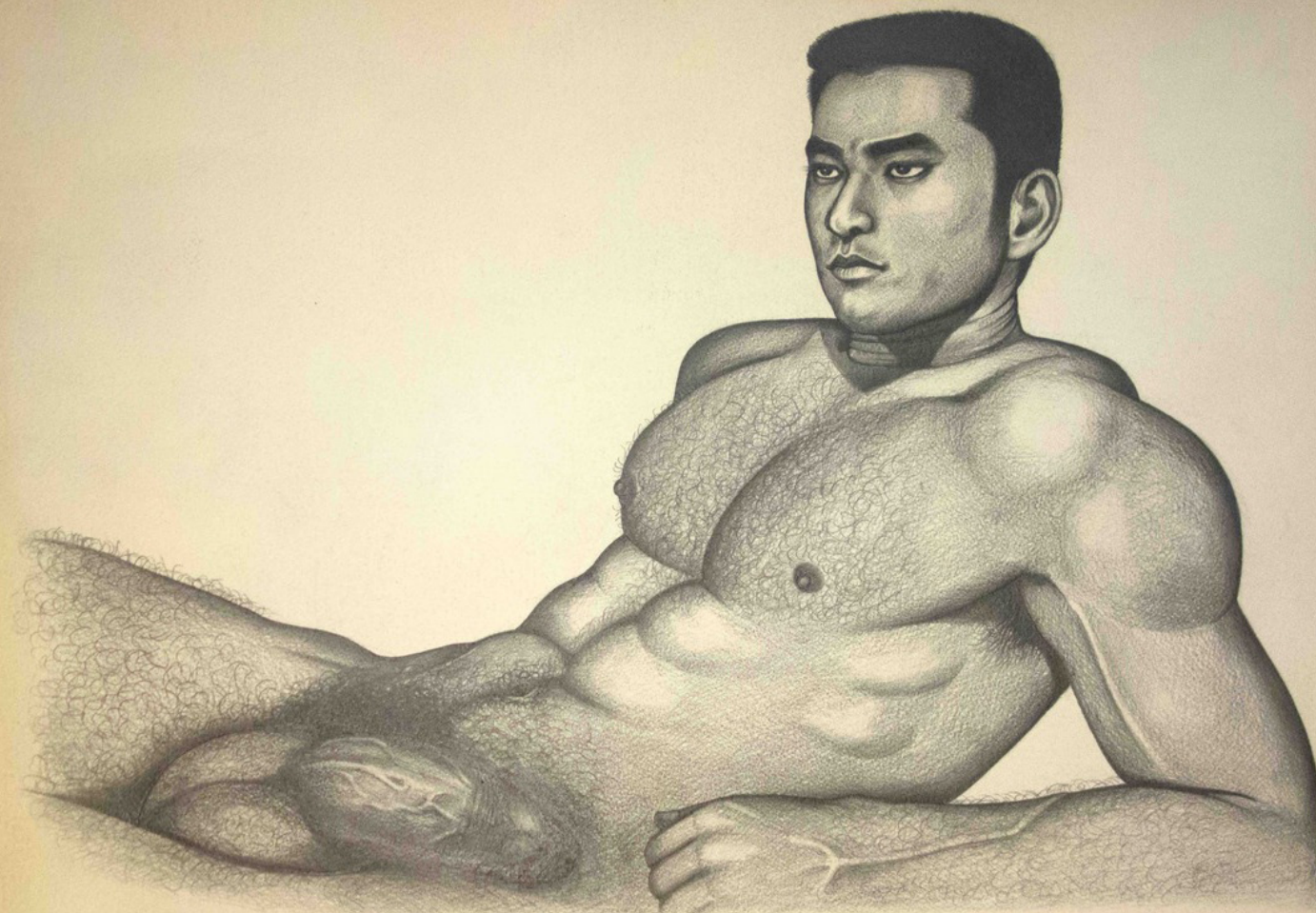
1924-1988

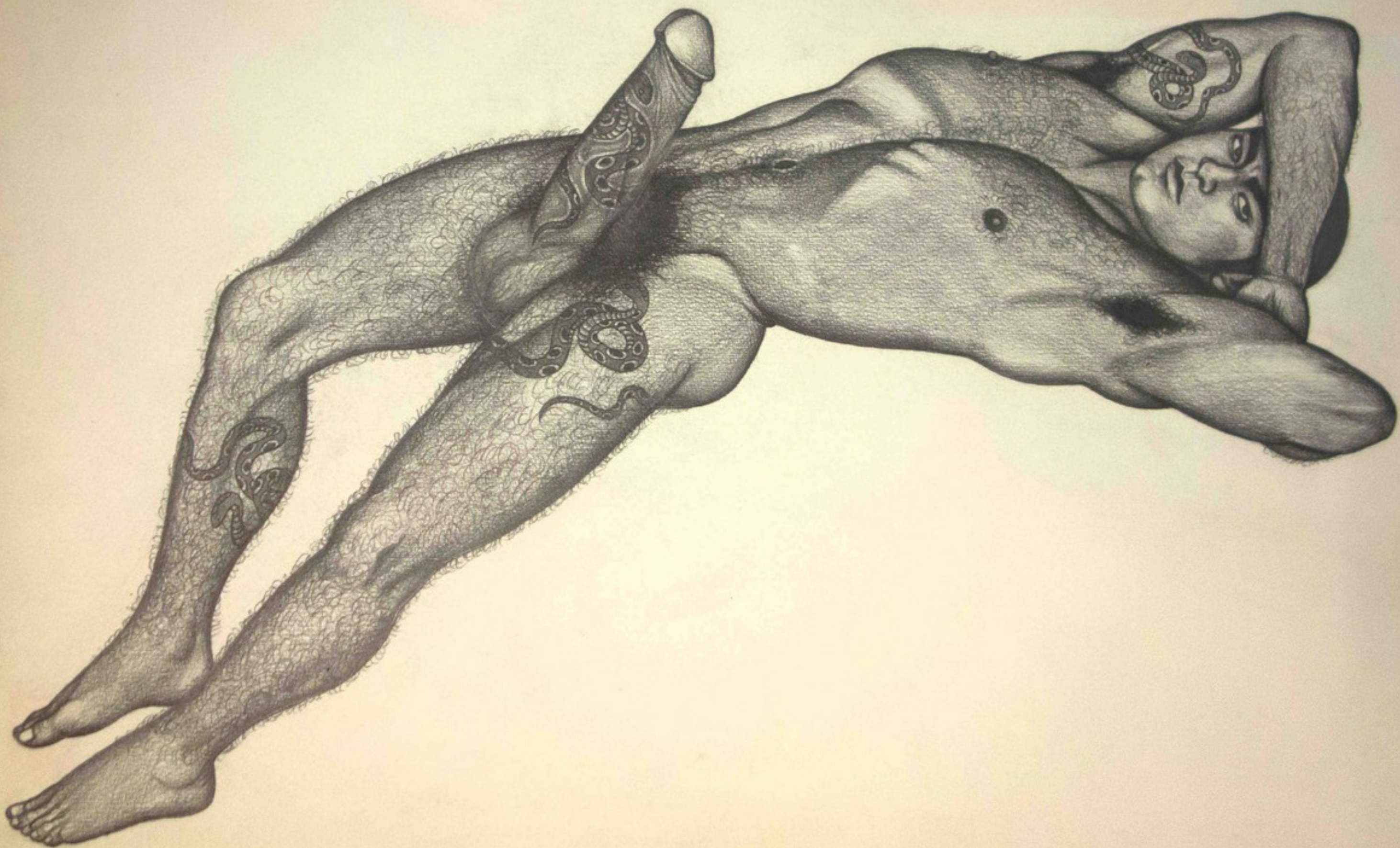
Tsuyoshi Yoshida (1924-1988) foi um dos principais pioneiros da arte homoerótica contemporânea japonesa sob o pseudônimo de **Go Mishima**. Ilustrador, gravurista e editor, desempenhou papel decisivo na consolidação de uma iconografia voltada ao desejo entre homens durante o período pós-guerra. Ao lado de artistas como Tatsuji Okawa, Sanshi Funayama e Go Hirano, é considerado por pesquisadores um dos fundadores da primeira geração da arte gay moderna no Japão.



Influenciado pelas ilustrações de Hikoze Ito (1904-2004) e pela pintura tradicional japonesa, demonstrou interesse pelo desenho desde a infância. Aos dezoito anos, foi convocado para o Exército Imperial Japonês, onde viveu um intenso relacionamento afetivo e sexual com um oficial superior – experiência frequentemente apontada como decisiva em sua trajetória pessoal e que marcaria profundamente sua futura produção artística.

Após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, mudou-se para Tóquio, onde passou a frequentar a nascente vida noturna gay da capital. Nesse ambiente, em contato tanto com soldados da ocupação norte-americana quanto com o universo da *yakuza* – máfia que controlava bares e boates –, encontrou referências visuais que moldariam sua produção: corpos musculosos, cabelos curtos, tatuagens *irezumi* e uma masculinidade austera.





Em 1955, Yoshida conheceu o escritor Yukio Mishima em uma academia de musculação. Unidos pelo interesse comum pelas artes marciais e pelo culto ao corpo masculino, os dois desenvolveram uma estreita amizade e costumavam produzir esboços de nus masculinos como passatempo. Incentivado pelo escritor, passou a dedicar-se sistematicamente à arte homoerótica e criou um pseudônimo artístico utilizando o sobrenome de Mishima e o nome Go (comum no Japão por significar “força”, “firmeza”, “tenacidade”). No final da década de 1950, o contato com a obra de Tom of Finland ampliou seu repertório visual e o colocou em diálogo com uma geração internacional de artistas dedicados à representação erótica da masculinidade.



Mesmo compartilhando a valorização do corpo masculino idealizado, Go Mishima desenvolveu uma linguagem visual singular. Enquanto boa parte da arte erótica europeia e estadunidense privilegiava cenas coletivas e personagens cosmopolitas, suas composições concentravam-se na figura do homem jovem japonês, de cabelos curtos, usando *fundoshi* (espécie de tanga amarrada), cobertos por tatuagens tradicionais e, frequentemente, portando espadas japonesas. Isolados sobre fundos brancos ou quase vazios, esses personagens são representados com monumentalidade e refinamento técnico, resultado de sua formação em pintura japonesa. A economia dos cenários contrasta com o detalhamento das figuras e confere às imagens um caráter simultaneamente erótico, solene e melancólico, frequentemente interpretado como uma reflexão sobre a solidão e a experiência das minorias sexuais na sociedade japonesa da Era Showa (1926-1989).





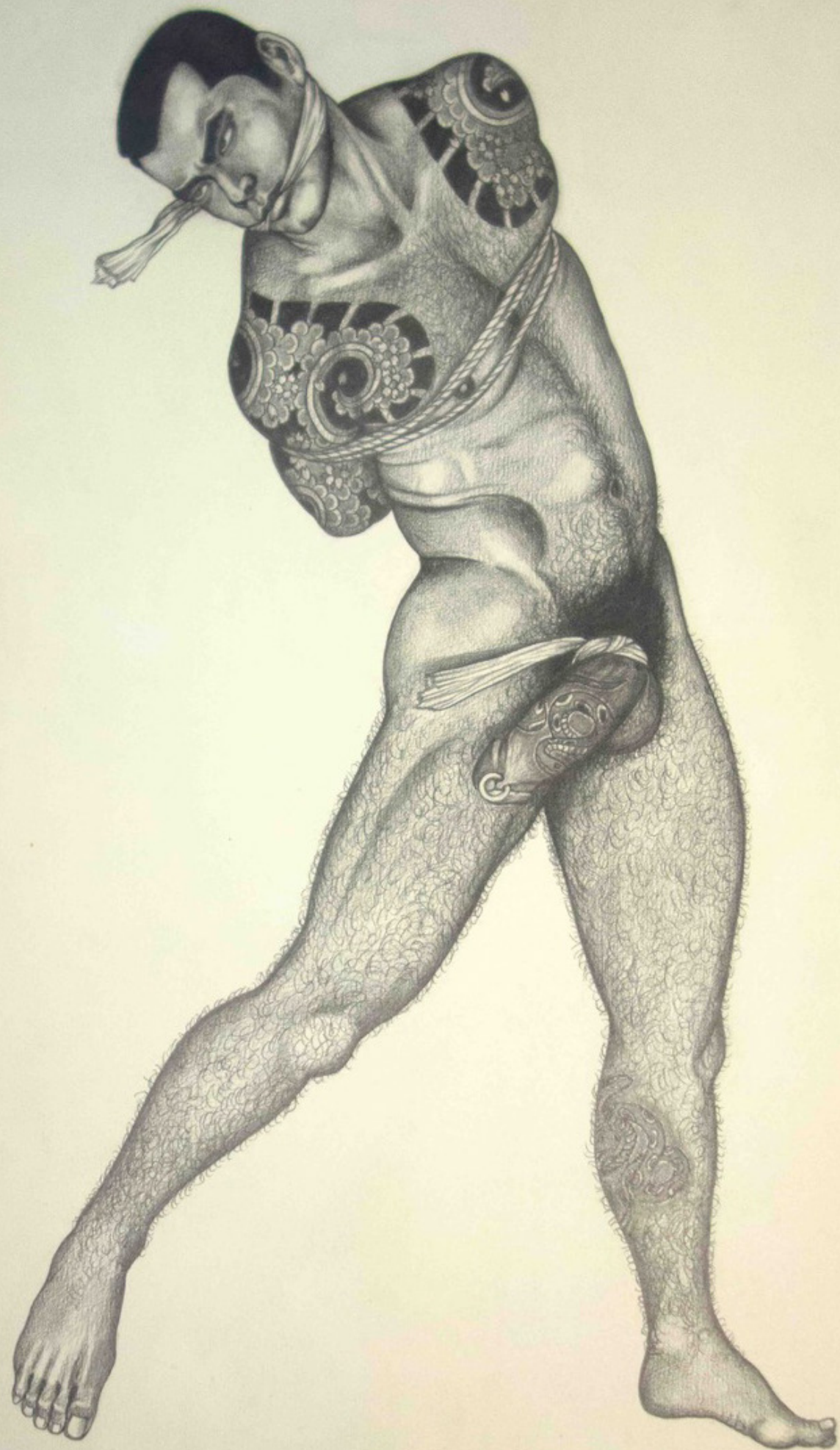
三島剛

Sua produção também se destacou pelo pioneirismo na representação explícita do corpo masculino. Em uma época em que a censura restringia a representação realista da genitália, Mishima passou a incorporar nus masculinos completos às suas ilustrações, contribuindo para ampliar os limites da expressão artística homoerótica no Japão. Estilistas e colecionadores empresários começaram a colecionar e encomendar a arte de Mishima, e suas obras chegaram à Europa.

A partir da década de 1960, colaborou com algumas das primeiras publicações voltadas ao público gay, entre elas *Fuzokukitan*, *Bara* (ambas em 1964) e, posteriormente, *Barazoku*, a primeira revista gay de circulação comercial do país (em 1971). Insatisfeito com a predominância da estética *bishōnen* e com a forte influência de modelos ocidentais presentes nessas publicações, criou revista *Sabu*, lançada em 1974 (encerrada em 2004), da qual foi responsável pelas capas, ilustrações e identidade visual – o nome veio de um barman pelo qual Mishima se interessava. Mais do que um veículo editorial, a *Sabu* tornou-se o principal espaço de desenvolvimento de sua linguagem artística, consolidando uma representação pornográfica da masculinidade gay profundamente vinculada a referências culturais japonesas.

Após o *seppuku* (suicídio ritual) de Yukio Mishima, em 1970, sua produção passou a explorar com maior frequência temas ligados ao bondage, ao masoquismo e à tortura. Ao longo de sua carreira, também realizou numerosas obras sob encomenda para colecionadores japoneses e estrangeiros, embora grande parte dessa produção permanecesse restrita ao circuito privado, tornando-o uma figura cultuada, mas relativamente pouco conhecida do grande público.

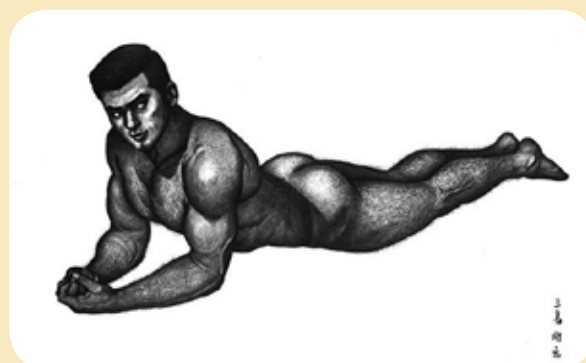








50



O artista faleceu em Tóquio, em 5 de janeiro de 1988, em decorrência de complicações hepáticas por consumo excessivo de álcool. Sua primeira exposição individual foi realizada em 1999, mais de uma década após sua morte. Hoje, sua obra é reconhecida como um marco na história da arte erótica japonesa, não apenas por sua qualidade técnica, mas por ter estabelecido uma iconografia singular do homem japonês que influenciou artistas das gerações seguintes e contribuiu para a afirmação de uma identidade visual própria da cultura gay no Japão. **8=D**



*Cirurgia plástica
para você.*



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

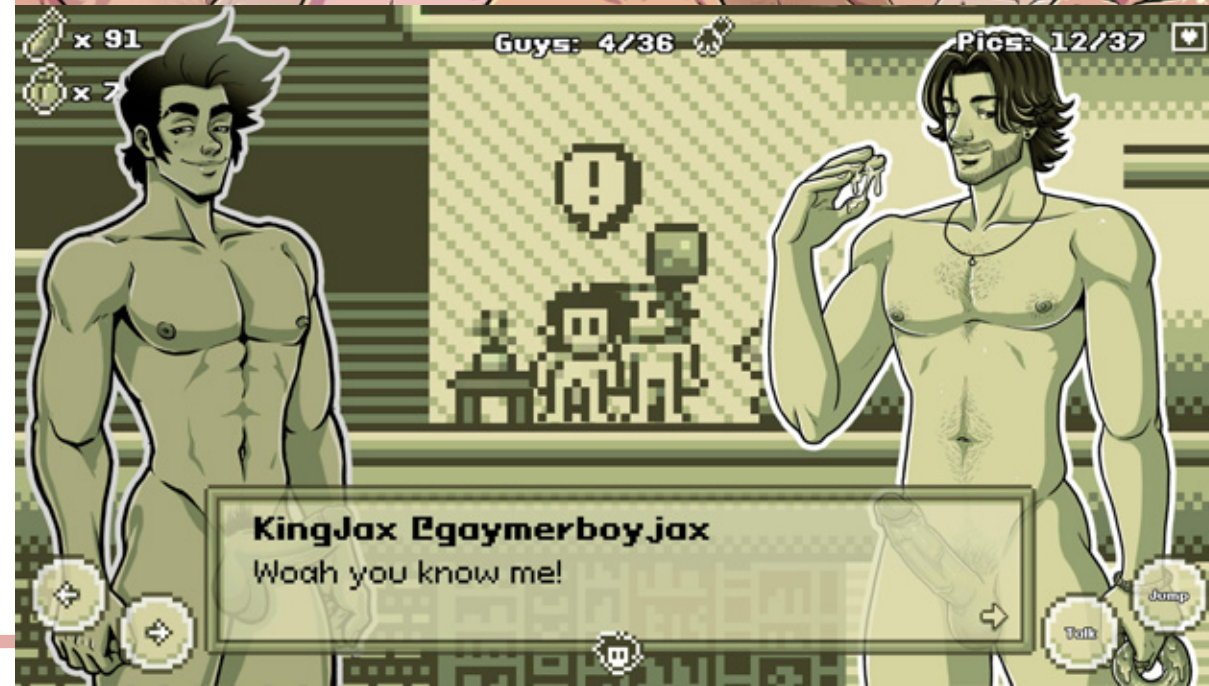
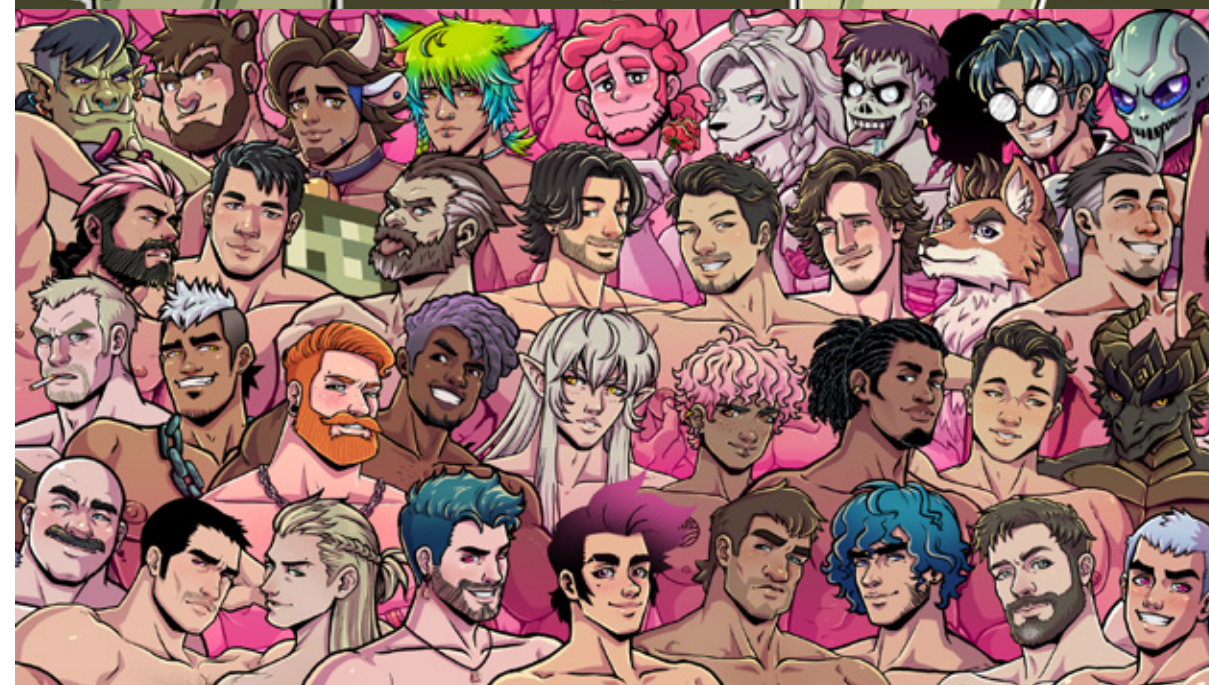


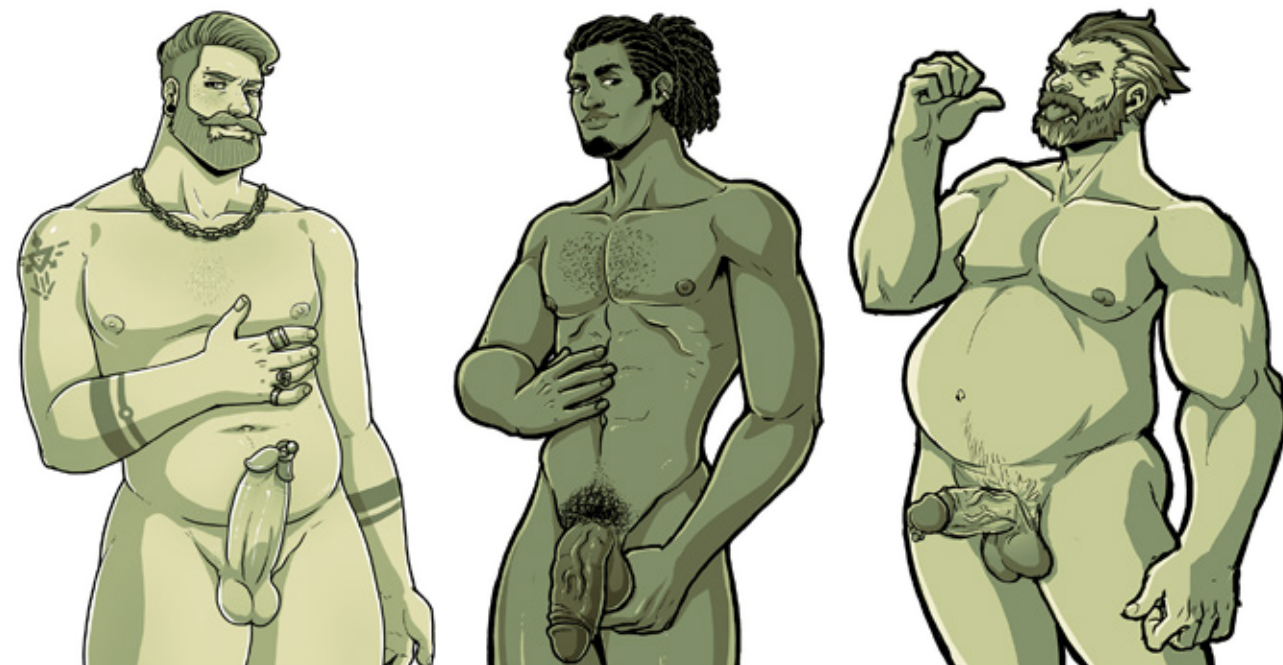
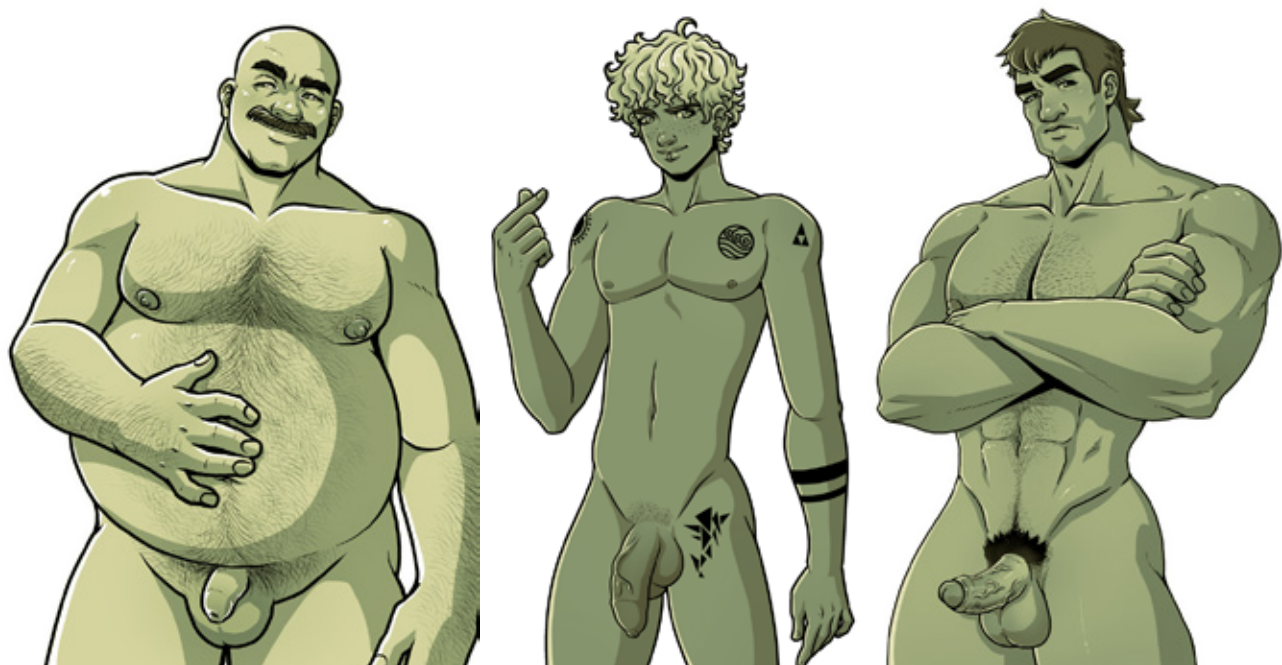
Para **Xlyph**, arte e videogames sempre foram parte da mesma paixão, que o levou a buscar sua própria linguagem criativa: um universo onde corpos masculinos, cultura pop e fantasia se encontravam. Construiu, então, uma carreira que transita entre ilustração, animação e videogames, marcada pelo interesse na diversidade, pela sensualidade explícita e por uma abordagem descontraída que mistura erotismo e humor.

Dessa combinação surgiu *Wet Dreams Spa*, jogo independente criado originalmente para a *Barajam 2023* – evento de criação de jogos no estilo bara, de arte japonesa –, criado em apenas dez dias. Utilizando personagens que originalmente fariam parte de uma história em quadrinhos e inspirado pela estética dos videogames clássicos em 8-bits, ele criou sozinho uma experiência em pixel art centrada na exploração de uma sauna gay fictícia.

52 No jogo, os participantes exploram o spa, conhecem personagens variados, desbloqueiam histórias e descobrem segredos espalhados pelos ambientes. A proposta combina humor, referências à cultura pop – cheia de *easter eggs* – e colecionismo com uma preocupação constante em representar diferentes tipos físicos, personalidades e fantasias. Arte, roteiro, programação, divulgação, vídeos para redes sociais e relacionamento com a comunidade passam por suas mãos.

O que começou como um projeto pequeno rapidamente conquistou uma comunidade fiel. A recepção positiva incentivou o artista a expandir o jogo, que hoje conta com uma narrativa muito mais ampla. Lançado no *Steam* – principal plataforma digital de distribuição, gerenciamento e comunidade de jogos para PC – em 2025, *Wet Dreams Spa* consolidou-se como um dos projetos independentes mais conhecidos da cena digital bara.







Embora hoje seja reconhecido principalmente pelos jogos, a produção de Xlyph começou em 2008 na ilustração digital. Desde 2010, trabalha formalmente com conteúdo adulto, entendendo que o corpo do homem não é apenas um objeto de desejo, mas também um campo de experimentação visual. Para ele, parte do fascínio está justamente na diversidade: ao criar personagens, se interessa por imaginar características específicas para cada um deles, transformando diferenças físicas em elementos narrativos e visuais.

A criação artística do artista colombiano continua sendo movida pela mesma força que o acompanha desde a infância: a vontade de transformar inspiração em imagem irreverente, história bem humorada e interativa. **8=D**



SEJA MAIS.

ben-
feito
ria

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail



***Obrigado a vocês que
acreditam na revista
e no poder transformador
da Arte!***

Alcemar Maia, Daniel Caye, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Paulo Cibella, Rafael Pentagna, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Fabio Ibiapina, Felipe Migueis, Giovanni Ravasi, Marcos Resende, Saint Clair Araújo e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Alê Périgo

FALÓFORO

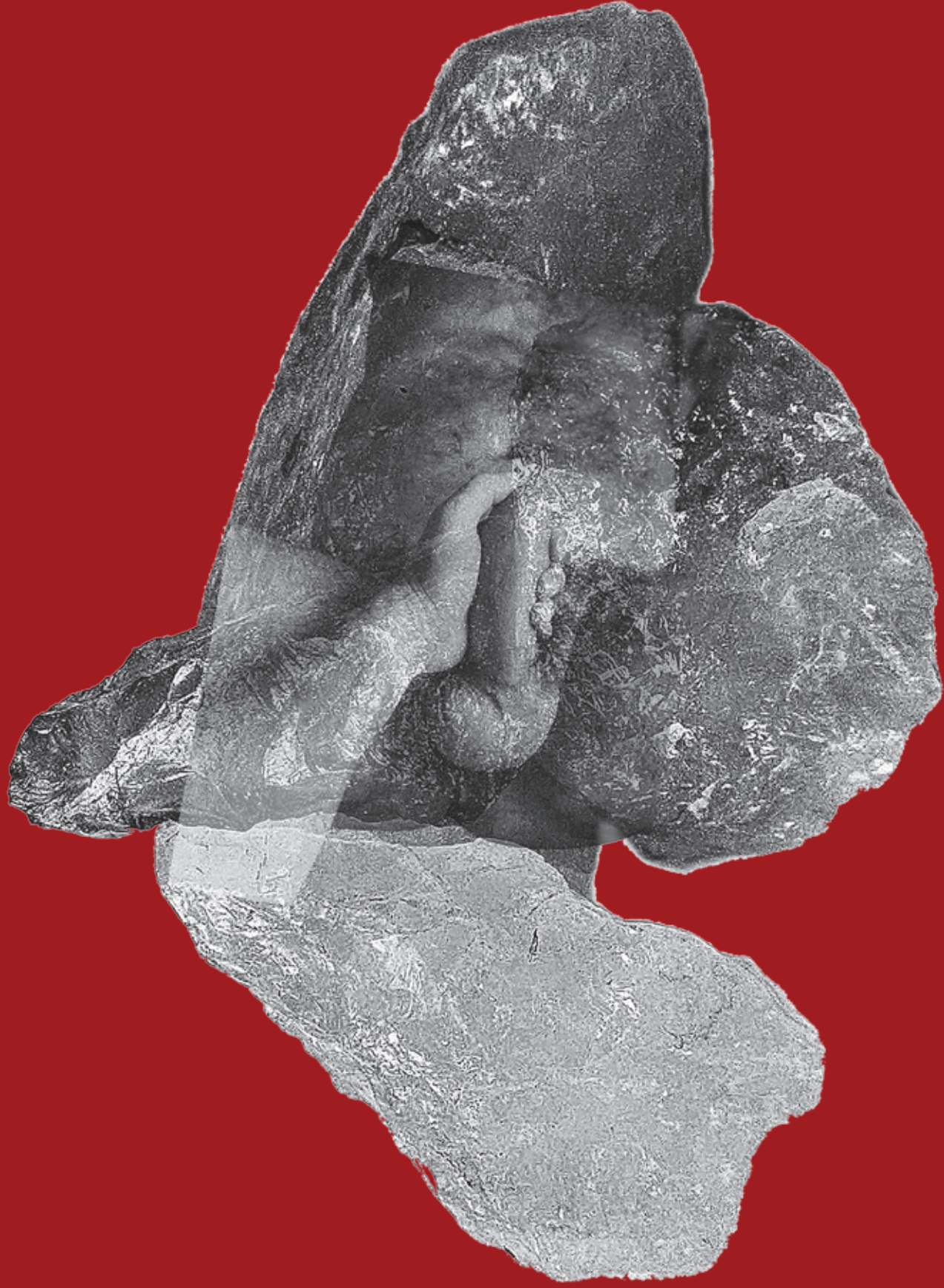


Foto: Guilherme Corrêa.

NUTOPIA

Ensaio Fotográfico em Estúdio – São Paulo (Bela Vista)



Transforme seu corpo em arte.

Descubra o seu potencial através de um ensaio que valoriza forma, presença e expressão.

Nutopia é um projeto autoral de fotografia contemporânea que celebra a masculinidade com sensibilidade, estética e atitude.

📍 Studio Nutopia – Bela Vista, SP



Agende seu ensaio agora:
www.nutopia.online
11 93734-7518

por Filipe Chagas



*Koko ni mo Ajia hito
no seiki ga arimasu yo!*
(Aqui também tem
genitais orientais!)

xintoísmo – a religião nativa do Japão – era marcado por uma liberdade sexual baseada na fertilidade, tanto do ser humano quanto da Terra, sem qualquer conotação vergonhosa ou pecaminosa. Desse modo, eram comuns nas expressões artísticas as representações fálicas e eróticas. Por exemplo, segundo o mito da criação relatado no *Kojiki* e no *Nihon Shoki* – os dois livros japoneses mais antigos –, os deuses Izanagi e Izanami criaram oito grandes ilhas ao se unirem sexualmente. O desejo não definia a “identidade” de uma pessoa como nos moldes ocidentais, ou seja, não existia o conceito de “gay” ou “hétero”; indivíduos transitavam livremente entre parceiros de ambos os sexos.



Durante o século 6, o budismo chegou ao Japão através de monges chineses, trazendo o nanshoku e uma técnica de xilogravura que ficou vulgarmente conhecida como “estampa japonesa”. **Nanshoku**, “cores masculinas” ou “luxúria masculina” (ver box abaixo), refere-se às relações entre dois homens numa dinâmica mentor-discípulo que guardava semelhança com a dinâmica erastes-eromenos da antiga Grécia. Diversos templos budistas do século 7 possuíam grafites de temática *nanshoku*.

A partir do século 8, surgiu um tipo de desenho conhecido como *osukuzu-no-e* (“imagens de pessoas deitadas e descansando”) voltado a explicações médicas, porém com tendência a exagerar as proporções dos genitais, como nas obras do pintor chinês Zhou Fang (c.730-800). No final do século 12, o monge Toba Sōjō, que produziu um dos rolos mais antigos preservados, chamado *Yōbutsu kurabe*, no qual se observa uma competição entre cortesãos pelo tamanho de seus pênis exagerados de forma cômica.



Yobutsu kurabe.

NANSHOKU

Existe uma variedade de referências literárias ao amor entre pessoas do mesmo sexo em fontes japonesas antigas, que passavam como declarações profusas de afeto entre amigos do mesmo sexo. O conceito em si referia-se a uma dinâmica educacional e filosófica entre um monge mais velho (*nenja*, “admirador”) e um noviço (*chigo*, “acólito”) na fase da pré-adolescência, que findava quando o menino atingia a idade adulta ou deixasse o mosteiro. Ambas as partes eram encorajadas a tratar o relacionamento com seriedade e o *nenja* poderia ser obrigado a escrever um voto formal de fidelidade. Com códigos próprios, a relação podia se apresentar de forma sexual ou não.

Na classe dos guerreiros samurais, era costume um garoto na idade do *wakashū* (entre 7 e 13 anos) iniciar os treinos em artes marciais com um adulto mais experiente. Era o *wakashudō*, “o caminho da juventude” (abreviado para *shudō*), onde os samurais mais velhos atuavam como mentores de jovens guerreiros, transmitindo habilidades militares e o código de honra samurai, tornando-se bons exemplos de conduta. Essa

relação, geralmente formalizada em um “contrato”, podia ser exclusiva, pois considerava-se que tinha “efeito de nobreza mútua” e deveriam se ajudar tanto nos deveres feudais quanto nos desejos sexuais, além de obrigações motivadas pela honra até a morte. A atividade sexual com mulheres não era proibida para nenhuma das partes e, quando o menino atingia a maioridade, o vínculo de amizade ficava para toda a vida e ambos eram livres para procurar outros *wakashū*. Isso colocava o *nanshoku* como um comportamento social de tendência bissexual, que era mais aceitável.

Em 1687, o autor Ihara Saikaku publicou “O Grande Espelho do Amor entre Homens” (*Nanshoku Ōkagami*), considerado o registro literário mais famoso sobre o tema. Na obra, o autor insinua que, como não há mulheres nas três primeiras gerações na genealogia dos deuses encontrada no *Nihon Shoki* (“Crônicas do Japão”, o segundo livro mais antigo sobre a história do Japão), os deuses devem ter desfrutado de relacionamentos homossexuais e essa seria a origem “divina” do *nanshoku*. O livro também detalha os costumes, tragédias e a profunda admiração romântica associada aos jovens rapazes nessa sociedade, onde

os relacionamentos entre homens e mulheres eram altamente valorizados, pois garantiam a propagação da prole e o status social.

Tentei refletir neste grande espelho todas as variadas manifestações do amor masculino.

No período Edo – mesmo da primeira onda de *shungas* –, as relações entre homens se desenvolveram nos bairros de entretenimento. Alguns atores de teatro kabuki que desempenhavam papéis femininos realizavam serviços sexuais (*kagama*) – atendiam homens e mulheres, cobrando mais do que as prostitutas. Eram celebrados de forma semelhante às celebridades modernas, e eram muito procurados por clientes ricos, que competiam entre si para comprar seus favores. Foi um negócio que prosperou até meados do século 19, apesar das restrições legais crescentes que tentaram conter a prostituição e dissuadir relacionamentos potencialmente perturbadores para a organização social tradicional.

Durante a ocidentalização japonesa (Era Meiji), teorias sexológicas europeias foram introduzidas e estigmatizaram as tradições nativas de afeto masculino, patologizando a homossexualidade – que chegou a ser proibida entre 1872 e 1880. Em 1873, foi aprovado o Código Keikan, que criminalizou as práticas homossexuais e as “batalhas chigo” (briga de gangues adolescentes que terminavam em estupro), porém, sem afetar o *nanshoku* entre os samurais. Esse permaneceu e se adaptou ao nacionalismo japonês na recém-criada marinha japonesa e floresceu durante as guerras Sino-Japonesa e Russo-Japonesa. Contudo, durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa e a Segunda Guerra Mundial, os chineses apresentaram o *nanshoku* como perversão e incivilização japonesas, levando à resistência da dinâmica.

Hoje o Japão caminha para a liberação dos direitos das pessoas LGBTQIA+, porém, ainda esbarra na própria constituição (escrita durante a ocupação estadunidense) e no conservadorismo de setores da sociedade, como vemos na maioria dos países.

袋中

Shunga de Utagawa Hiroshige, mostrando um samurai e seu discípulo.

A watercolor illustration on aged, yellowed paper depicting a scene of public bathing or a bathhouse. Several figures are shown in various states of undress, some lying down and others sitting. One figure is holding a bowl, and another is using a long pole to reach into a body of water. The scene is set outdoors with a simple structure in the background.

69

A Japanese woodblock print illustration of a woman in a striped kimono sitting on a tatami floor, holding a small cup. A small book or album is open on the floor next to her. The background shows a sliding door with a floral pattern and a vertical sign with Japanese characters.

Uma das formas artísticas características do período foram as *ukiyo-e* (“imagens do mundo flutuante”), que seguiram a técnica de xilogravura budista, e a cultura hedonista levou à produção dos *shungas**, “imagens da primavera”, sendo que “primavera” era um eufemismo para o ato sexual, ao fazer referência à estação da fertilidade. As cenas descreviam relações sexuais de todo tipo, inclusive entre homens (*nanshoku*), incorporando membros da classe mercante, samurais, monges budistas e até mesmo seres fantásticos e mitológicos. Na maioria das obras, os personagens aparecem total ou parcialmente vestidos, e a composição costumava ter outros elementos simbólicos sexuais, como cogumelos e uma flauta japonesa (*shakuhachi*) para pênis e ostras para vaginas.

Os *shungas* foram compilados de três maneiras: em rolos horizontais (*emaki*), em álbuns ilustrados (*soroimono* e *kumimono*) ou livros eróticos (*enpon* ou *shunpon*). As folhas soltas conhecidas hoje, presentes em muitas coleções e vendidas em lojas ou galerias de arte especializadas, pertenciam originalmente a algum álbum desmontado, cujas imagens foram separadas.

* Acredita-se que o termo venha do chinês *chungonghua*, que significa “pinturas do palácio primaveril”. Outros termos foram utilizados para definir esse tipo de produção, como *makura-e* (“imagens de cabeceira”), *warai-e* (“imagens de riso”), *enga* (“imagens galantes”) e *higa* (“imagens secretas”).

O primeiro compilado *shunga*, datado de 1660, trata-se do *enpon Yoshiwara makura*. Como um manual, o livro ilustrava as quarenta e oito posições sexuais “padrão”, enquanto oferecia um resumo das características das cortesãs da cidade, onde poderiam ser encontradas e seus preços.

Durante as décadas de 1670 e 1680 (no período Edo) ocorreu a primeira grande onda do *shunga*, liderada pelas obras de Hishikawa Moronobu (1618-1694), Sugimura Jihei (1681-1703) e Yoshida Hanbei (1642-1693). Uma nova onda criativa ocorreu entre 1711 e 1722, liderada por Nishikawa Sukenobu (1671-1750), cujo sobrenome se tornou sinônimo de estampa

erótica com o termo *nishikawa-e*. Para driblar as regulamentações e proibições que começaram a surgir em 1722, a grande maioria dos ilustradores de *ukiyo-e* – inclusive alguns artistas de renome – produziu *shunga* não assinado, mas com apelidos ou sinais autorais pelo seu alto valor comercial.

Em 1790 estabeleceram-se novas regras para a prostituição, para a distribuição de material erótico e até mesmo para a separação de gênero nos banhos públicos, regras que quase levaram ao fim da produção de *shunga*. Por volta de 1820 ocorreu o terceiro e último auge do *shunga*, liderado por artistas como Utagawa Toyokuni (1769-1825) e Keisai Eisen (1790-1848), mas esse movimento terminou com a repressão de 1841.



Tako to Ama (Polvo e mergulhadora), *shunga* de Katsushika Hokusai. Uma das mais famosas imagens relacionadas ao tema e é mais conhecida como *O sonho da esposa do pescador*. Está incluída em *Kinoe no Komatsu* (Pinheiros Jovens), um livro de *shunga* erótico em três volumes publicado pela primeira vez em 1814.





Shungas do Chigo no soshi, o Livro dos Acólitos (1321).

Após a abertura do Japão ao Ocidente, em meados do século 19, o novo governo Meiji adotou a moral vitoriana e estabeleceu-se uma proibição explícita ao *shunga* (*shunga no kinshi*). No entanto, a arte erótica continuou sendo produzida, assimilando algumas mudanças estéticas e temáticas da época, marcadas pelos processos de importação de padrões e técnicas ocidentais. Durante as guerras Sino-Japonesa (1894-1895) e Russo-Japonesa (1904-1905), o consumo de gravuras eróticas baratas aumentou, pois eram vistas como espécie de amuleto de boa sorte, especialmente entre as geishas, os soldados e os ex-samurais.

Em 1907, o Código Penal do Japão estabeleceu penas de prisão contra a obscenidade:

Qualquer pessoa considerada culpada de distribuir, vender ou exibir em público um documento obsceno, imagens ou outros objetos, será punida com até dois anos de trabalho em prisão, multa de até 2 500 000 ienes [...] O mesmo se aplicará a quem possuir tais objetos com fins de venda. (Artigo 175, sobre a distribuição de objetos obscenos)

As delegacias de Tóquio confiscaram cerca de 143 mil gravuras e mais de 5 mil álbuns naquele ano, inclusive os que eram utilizados para educação sexual nas famílias e para noivas. Essa restrição, somada ao avanço tecnológico das fotografias pornográficas, praticamente marcou o fim da produção do *shunga*. Como a arte japonesa invadiu a Europa na abertura ocidental (Japonismo), vários artistas – como Degas, Toulouse-Lautrec, Klimt, Rodin, Van Gogh e Picasso, por exemplo – passaram a colecionar e se inspirar nos *ukiyo-e* e *shungas* que chegavam via mercado clandestino.

É interessante apontar que atualmente permanece a restrição contra material obsceno no Japão, o que ainda impede a exibição pública de *shunga*, mas as gravuras eróticas se transformaram em objeto de estudo e influenciaram mangás e animes. **8=D**



Shungas mostrando atores de kabuki vestido de mulher (*onnagata*) ou prostitutas (*kagama*).





NÃO SE PRENDA A ESTEREÓTIPOS



Pesquisa sobre
a anatomia
peniana feita com
a participação
de mais de 100
leitores/seguidores,
**totalmente
ilustrado.**

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do
e-mail falonart@gmail.com



Projeto experimental de **Rodrigo Turra** que aborda masculinidades e o tabu do pau mole.



POSITIVIDADE DO PÊNIS: POR QUÊ?

Oito motivos para falarmos sobre isso.

Positividade do Pênis é um spin-off do movimento de *body positivity*, voltado para pessoas com pênis. Em termos simples, é sobre incentivar uma relação mais saudável, com menos vergonha e mais acolhedora com a própria anatomia.

Porque, de algum jeito, mesmo em um mundo saturado de piadas sobre pau, pornografia, *big dick energy*, ansiedade de vestiário e comparações de tamanho, o pênis real, mole, diverso e não-perfomático ainda é estranhamente ausente. É sobre questionar a vergonha, a pressão e a desinformação que moldam como as pessoas se relacionam com seus corpos — e como a masculinidade é medida, ridicularizada e performada através deles.

Aqui estão 8 motivos pelos quais precisamos falar sobre isso.

1. Os movimentos feministas e queer estão anos-luz à frente quando se trata de movimentos de positividade corporal ou neutralidade corporal.

Os homens deveriam observar e aprender.

2. A energia de pau grande (big dick energy) ainda é glorificada na cultura pop.

Enquanto isso, a Energia de Pau Pequeno (*Small Dick Energy*) — definido como um “comportamento inseguro devido à percepção de inadequação” — ainda é um discurso normalizado para humilhar e diminuir os homens, centrado na ridicularização do corpo. Sim, a sociedade historicamente controlou o corpo das mulheres, mas este tipo de vingança apenas perpetua a vergonha do corpo (*body shaming*) e não nos levará a lugar nenhum. Como podemos seguir em frente?

3. A sociedade nos ensinou a sentir vergonha de nossos corpos nus.

Nas culturas ocidentais, muitos sistemas de valores moralistas associam a nudez à selvageria, loucura e ao pecado; um pensamento impulsionado ainda mais pela igreja e pelos colonizadores. A nudez, nosso estado mais natural, foi desnaturalizada.

4. Cadê a nudez?

Faltam-nos espaços onde a representação do pau mole seja acessível e dessexualizada: física, virtual e visualmente. Famílias e culturas que naturalizam a nudez são raras e, socialmente, a nudez é predominantemente escondida. Os vestiários tornaram-se compartimentados e os SPAs de nudismo estão sendo extintos ou reservados para o sexo. Até as praias de nudismo são mantidas num lugar de exotismo no imaginário coletivo. Como podemos nos sentir confortáveis com a nossa nudez e entender o que é normal quando não temos locais para praticá-la?

5. As ideologias masculinistas reduziram a masculinidade a sentimentos de anti-feminilidade, anti-fraqueza e violência.

Muitos ainda conectam masculinidade ao tamanho, aparência e desempenho do nosso “dote”. Agora sabemos como isso prejudica nossa saúde mental (e não faz sentido algum).

6. O Transtorno Dismórfico Peniano, ou síndrome do pênis pequeno, é real e afeta muitas pessoas.

Pode ter efeitos prejudiciais na confiança das pessoas e resultar em frustrações e inseguranças para toda a vida. (Isso sem contar os inúmeros homens que simplesmente gostariam de ter um pênis maior, que são muitos.)

7. Quando a pornografia se torna nossa educação sexual e daí vêm nossas referências de corpos nus, nossa percepção do que é normal fica distorcida.

A verdade é que, na realidade, muitas pessoas nem gostam de pênis grandes. Precisamos desconstruir o imperativo do pau-sempre-duro-pronto-para-outra.

8. A positividade do pênis não é benéfica apenas para homens e pessoas com pênis, mas pode ser frutífera para todos.



VAMOS TROCAR DE CORPO POR UM DIA?

Eu:

Sou um cara alto, sarado,
ótimo nível, esportista,
inteligente,
cheiroso,
bonito

O que procuro:

Um cara bacana, confiável, sem restrição de idade, cor, estado civil ou profissão, mas que esteja aberto para curtir comigo para permitir minha fantasiam ser a sua fantasia

Curto demais a brincadeira de trocar de corpo.
Imagina que legal seria se eu pudesse ser você e você pudesse ser eu

Imagina que delícia
você poder se tocar usando meu corpo
e eu poder me tocar
usando o teu corpo

Imagina que gostoso
saber como uma outra pessoa
sente o prazer,
sentir como uma outra pessoa
vive o prazer



Poema do escritor e artista visual **Jozias Benedicto**, originalmente publicado no livro "Erotiscências & embustes" (2019), Editora Urutau. Versão revista e ampliada pelo autor em 2026.



@hotmeat é o meu *nick* para bater papo e muito mais
muito *hot*, muita *meat*, tudo para você, para nós

Idade: 27

Posição: Versátil

Altura: 182 cm

Etnia: Branco

Cabelos: Castanhos claros

Olhos: Castanhos

Pênis: 27cm x 17cm (circuncidado)

Disponibilidade: Tenho local, pergunte-me

Preferências:

A dois, a três, orgias, punheta, couro, S&M, *bondage*, *watersports*, voyeurismo, *role playing*, exibicionismo, mamilos, amizade, só sexo seguro, *bareback*, *chemsex* com responsabilidade, *video chat*, casados, solteiros, massagens, sem compromisso, procura relacionamento

Mensagem:

Meus 27cm eretos vão ser seu passaporte para aventuras e delírios

Ao final de tudo, você vai ser eu e eu vou ser você

Por um momento ou para sempre, só depende de você!

Aceito pix e todos os cartões, preços especiais para grupos e eventos



Sovaco

Sovaco. Eu queria enfiar minha cara no sovaco peludo, pelo grosso, pelo, no pelo, grosso, sentir o pau grosso, sentir o cheiro, o suor, minha cara enfiada no sovaco peludo enquanto o pau grosso me sente por dentro. Sufoco. Eu queria sentir a mão me sufocando, apertando meu pescoço, sem ar, engasgando, sentir o grosso engasgando minha garganta, tirando meu ar, meus olhos lacrimejando, meu rosto vermelho, sufocando, o pelo grosso no meu nariz, o cheiro, sufoco, empurro o corpo, mas a mão segura meu rosto, estou sem ar, quando respiro, quero sufocar novamente, quero mais, engasgo. Tapa. Eu quero o tapa na cara, quero minhas mãos amarradas enquanto sinto a mão dele sobre meu corpo. Sinto o corpo sobre meu corpo. O peso, a mão pesada, a mão pesada na minha cara.



Mijo. Eu quero ver o pau soltando o mijo, mijando sobre mim, na minha cara, na minha boca. O mijo grosso na minha cara e boca escorrendo como se fossem lágrimas. O cheiro do mijo no meu nariz, sufoco e quero mais. Me sentir usado, objetificado, depósito de porra, porra, eu quero sentir o cheiro e o gosto da porra. Porra grossa. A porra na minha garganta, no meu rabo, no meu corpo, no pelo. Exposto. A mostra, sendo visto, meu corpo sendo exposto e visto, usado, abusado. Pulsando, meu corpo pulsando, meu cu pulsando, o grosso pulsando dentro de mim, na minha boca, tirando meu ar, me sufocando e eu quero mais, até ficar sem fôlego. Minhas pernas abertas, pulsando, querendo mais. Suor. O suor escorrendo da testa e descendo o rosto, como lágrimas. O suor escorrendo do peito, como porra, o suor escorrendo do sovaco, o suor se misturando com a porra. Língua. A língua que invade meu ouvido, invade minha boca, me sufoca, invade meu cu, língua grossa, áspera. Veias. As veias grossas na testa, as veias grossas no pescoço, as veias grossas no pau, veia saltada, pulsando, pulsando gozo. Gozo. Gozo enquanto sinto o cheiro do sovaco nas minhas narinas, gozo enquanto engasgo sem ar, gozo enquanto o suor escorre pelo corpo, gozo grosso. Respiro fundo, fundo, e quero mais.





TEKOÁ-PORÃ: A ARTE DO BEM-VIVER

Quando pensamos na sociedade atual, principalmente a ocidental, o que vem à nossa mente é o ritmo acelerado, ininterrupto e estressante das grandes cidades. Parece cada vez mais difícil encontrar o equilíbrio e desacelerar em uma realidade que nos cobra sempre mais desempenho e produtividade. Dormir, para muitos de nós, não é mais suficiente para restaurar a energia vital gasta no cotidiano, nem mesmo se trabalharmos menos.

Kaká Werá, escritor, educador e conferencista pertencente ao povo tapuia, relata em seu livro “Tekoá”, elaborado a partir de sua experiência com o povo Guarani, que a evolução pessoal que lhes

ensinaram envolve corpo, mente e coração, a partir do que se observa na natureza.

Estamos observando a natureza ou o tempo passar atropelado pelos nossos afazeres intermináveis na sociedade do cansaço?

O tekoá-porã, que, no idioma guarani, significa bem-viver, expressa esse conceito da perspectiva ancestral indígena: “Cada um de nós, antes mesmo de nascer, já está conectado com a natureza e é nela que vamos encontrar as orientações para a incrível jornada que é a vida. Desde se identificar com uma semente começando a germinar até entender que emoções básicas, como a raiva, devem ser expressas para serem superadas, a autodescoberta por

intermédio da prática do bem-viver nos alerta para o fato de estarmos todos conectados e para o perigo que é o homem se sentir superior aos demais seres e ao próprio mundo que lhe deu vida”.

O bem-viver implica uma mudança de mentalidade, cultivando uma consciência de flexibilidade em resposta à rigidez fixada em vieses segregadores, extremistas e dogmáticos. Implica o desenvolvimento de uma inteligência emocional, que nos torne capazes de sair da condição de “crianças birrentas” diante de reveses para nos tornarmos “adultos conscientes” do poder dos sentimentos, dos afetos e dos desafios.

O que ainda podemos fazer enquanto indivíduo e sociedade para revitalizarmos nossos corpos cada vez mais esgotados por dilemas que, na maioria das vezes, não nos leva a lugar algum, a não ser em modos neuróticos, deprimidos ou estressantes? Acredito que as respostas para além de individuais, são também coletivas.

Na era da hiperconectividade, há muita racionalização e pouca ação. Onde os diálogos positivos não conseguem achar força, os ecos negativos ganham poder.

O que cada um de nós pode fazer para fortalecer a cura, lembrando que ela é coletiva?



O maior portal de **nu masculino** do Brasil.
www.fotodehomem.com





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

